

O PROJETO PAISAGÍSTICO, AS FUNÇÕES E O USO DOS PARQUES URBANOS - O PARQUE 13 DE MAIO

ANA RITA SÁ CARNEIRO RIBEIRO*

Resumo: O conteúdo do texto aborda o processo histórico da criação do Parque 13 de Maio, o primeiro parque urbano da cidade do Recife, enfocando as diferentes expressões de projeto paisagístico elaboradas, as influências européias no tratamento da paisagem e as implicações a nível econômico, político-administrativo e cultural que subjugaram o planejamento físico da cidade e a consolidação dos espaços livres e verdes de caráter público. Também são ressaltados aspectos da composição visual do parque e sua relação com o entorno, da função e do uso, incluindo problemas enfrentados naquele espaço, para mostrar, entre outras contribuições, que as modificações ocorridas nos projetos implementados guardam relação com as necessidades sociais dos usuários ao longo do tempo.

1.Introdução

Considerado o parque urbano histórico do Recife, o Parque 13 de Maio situa-se no bairro de Santo Amaro na zona central da Cidade. Um cenário rico de vegetação arbórea, com 6,9 hectares onde estão distribuídos algumas edificações e equipamentos recreativos que atraem visitantes das diferentes regiões da Cidade e também de outros municípios. O projeto do parque atende à função contemplativa de um parque de paisagem.

Contrariando a opinião geral não especializada, não é o parque mais antigo do Recife, apesar de ter uma longa história. No século XVII, no período holandês, o Príncipe Maurício de Nassau construiu o primeiro parque do Brasil, o Parque do Palácio de Friburgo, um jardim renascentista de aproximadamente 6 hectares contendo um jardim botânico com plantas exóticas, e diferentes espécies de animais (Mesquita, 1994, pp.8-14). Ficava situado onde hoje está a

Praça da República, em frente ao palácio do governo local.

É do século XIX, as primeiras manifestações para a criação do Passeio Público, Jardim 13 de Maio e, finalmente, Parque 13 de Maio. A sua concepção paisagística, como a dos primitivos parques no Brasil em geral, recebeu influência européia. São dos jardins ingleses e franceses, através dos paisagistas estrangeiros, os repasses aos espaços verdes privados, por exemplo, os jardins das casas de engenho dos portugueses, e os jardins de escolas, conventos e residências de comerciantes. Nessa época, no Recife, a função de amenização do meio ambiente dos espaços livres públicos visando o conforto social e o nível cultural da população (Parahym, 1978,p.85) era ressaltada, tendo como referência a qualidade de vida nas cidades de Paris, Roma, Londres e Rio de Janeiro.

O Parque 13 de Maio foi inaugurado na década de 30 - 1939 -, período este de grande importância para o desenvolvimento do paisagismo no Recife pois também foi marcado pela produção artística do paisagista Burle Marx, - de 1934 a 1937 . Com Burle Marx surge uma nova concepção de jardins, que ressalta os valores da paisagem regional com sua flora e qualidades ambientais (Mesquita,1994,p.9). Muito embora as definições para a criação do parque estivessem ocorrendo durante toda essa década, paralelamente aos trabalhos de Burle Marx, não há evidências da sua participação no referido projeto. O que se supõe é que a atuação de Burle Marx pode ter influenciado as ações do governo local que, a partir de 1937, se preocupou com a valorização da paisagem e do meio ambiente de modo a garantir melhor qualidade de vida à população e possibilitou a viabilização do Parque 13 de Maio.

Este texto é parte da tese de Doutorado realizada pela autora denominada "The relationship between park design, functions and uses. A case study in Recife, Brazil", concluída em 1996 na Inglaterra, em cuja pesquisa o 13 de Maio é um dos seis parques urbanos do Recife que foram analisados e comparados entre si relacionando o projeto, as funções e o uso. Em destaque o histórico do Parque evidenciando as dificuldades enfrentadas a nível econômico, político-administrativo e cultural para o planejamento e consolidação dos espaços livres e verdes de caráter público; a preocupação dos primeiros colaboradores com o tratamento da paisagem natural levando em conta o respeito pelas características ambientais do sítio, a composição visual do parque com o entorno, a qualidade dos elementos naturais e sua integração com os elementos artificiais e, finalmente, a demonstração da mobilização da função e adaptação do projeto iniciais em razão do uso e necessidades manifestadas pela população ao longo dos tempos.

2. O processo de criação do Parque 13 de Maio

A história do parque mais tradicional do Recife, o Parque 13 de Maio, ilustra as razões e as grandes dificuldades que permearam o desenvolvimento da arte da paisagem nesta Cidade. Também demonstra como os projetos elaborados para esse parque variaram em diferentes momentos, conservando, no entanto, a finalidade em atender à função de um parque de paisagem.

A sua criação em 1939 foi pressionada por escritores, jornalistas e negociantes a partir de meados do século XIX. Apoiados nos argumentos de que os parques como espaços verdes públicos, contribuíam para a saúde e elevação espiritual das pessoas e para o embelezamento da paisagem das cidades. Seus escritos faziam referência a cidades européias providas de parques urbanos, que, segundo eles, ofereciam condições de vida mais satisfatórias para seus habitantes (Parahym, 1978, pp.85-87). Não somente as cidades européias foram exaltadas, mas também cidades brasileiras como Rio de Janeiro, foram citadas nos artigos de jornais pelo nível de provisão de recursos paisagísticos e recreativos (Napoleão Braga, Diário de Pernambuco, 31/05/1993).

A área que mais tarde tornou-se o Parque 13 de Maio no centro do Recife, foi objeto de controvérsias por muitos anos. Outros possíveis usos para esse sítio também foram levantados, tais como um loteamento residencial, um quartel, um estádio ou até um estacionamento. Inclusive algumas casas foram construídas e subsequentemente relocadas, porque permanecia a intenção de se construir uma área com fins educativos no centro da Cidade, circundada por edifícios administrativos integrados por um grande jardim. Isso parecia uma oportunidade ideal para se planejar um parque.

Por volta de 1888, a criação do Parque foi consolidada pela Prefeitura com o apoio de comerciantes e agricultores interessados em ter um lugar para expor seus produtos (Atas do Concelho Municipal do Recife, 15/02/1923). Naquela época o sítio proposto tinha uma área alagada com sua maior parte coberta de mangue que foi em seguida aterrado. Em 1889 foi escolhido o nome do parque, 13 de Maio, homenageando a data da libertação dos escravos em 1888 (Diário de Pernambuco, 07/06/1993).

O primeiro projeto para o parque, então considerado Passeio Público 13 de Maio, foi elaborado em 1860 pelo engenheiro inglês William Martineau e era parte de um projeto mais amplo com uma área bem maior do que a área do presente parque, incluindo o jardim da Faculdade de Direito I (Arquivos I, março 1942, p.258). O projeto maior contemplava jardins e alamedas, e uma avenida

indo até a Ponte Princesa Isabel, a qual constituiu o único elemento do projeto que foi construído. Os jardins do 13 de Maio foram projetados de uma forma contínua, interligando-se, através de uma avenida de 50 metros com quatro linhas de palmeiras imperiais - a Av. Princesa Isabel -, aos jardins da Praça da República e do Palácio do Governo também revestidos com o mesmo tipo de vegetação. As alamedas ainda circundavam o Palácio do Governo estendendo-se ao longo de uma avenida marginal ao rio. A proposta previa ainda a construção de um canal que contornava o Passeio Público desviando as águas para o rio Capibaribe no cais da rua da Aurora. O estilo geométrico adotado no projeto dividia a área do parque em quatro jardins, com avenidas de vegetação densa que se cruzavam num ponto central formando um círculo.

Outra proposta para o parque surgiu em 1875 de autoria do engenheiro francês Emile Beringer. Em estilo inglês o projeto previu até acomodação para jardineiros e vigilantes (Relatório do Prefeito Novaes Filho, 1944). Dessa proposta apenas os projetos de um coreto e de um aquário, ambos em arquitetura de ferro, foram identificados nos arquivos públicos. Dois desenhos do terreno também encontrados no Arquivo Público mostrando a área alagada inclusive com a localização do aquário supõe-se de autoria de Beringer, ou até pertencente ao projeto anterior de Martineau. Segundo artigo de jornal local esse projeto guardava algumas semelhanças com o Parc Monceau em Paris e outros em Bruxelas e Lisboa (Diário de Pernambuco, 31/05/1993).

Consta ainda no Relatório do Prefeito Novaes Filho de 1944 que outras propostas foram apresentadas para a mesma área em 1888, 1895, 1920 e 1921, pelos respectivos autores, Courtadon, Morales de los Rios, José do Rego Monteiro e Giacomo Palumbo (Relatório do Prefeito Novaes Filho, 1944, p.25). No entanto, esses planos não foram encontrados nos arquivos públicos como também não se têm evidências de que foram construídos. Um projeto de um café-restaurant nos arquivos públicos pode ser parte de uma dessas propostas (Foto 5.4.5).

Segundo Relatório do governo local, em 1916 foram providenciados três portões de ferro para delimitar a área do parque. Porém, em 1921, um dos portões foi utilizado na construção do Jardim Zoológico de Dois Irmãos em área mais afastada do centro, alterando a proposta inicial (Atas do Concelho Municipal do Recife, 15/05/1921 e Arquivos I, 1942, p.259). Como as condições precárias de falta de recursos financeiros permanecia, por volta de 1923, a Prefeitura sugeriu a participação do setor privado na construção do espaço público em questão. Disso resultou um contrato de aluguel através do qual os empresários utilizariam a área do parque para promover eventos dentro dos

seus interesses, revertendo o lucro obtido para a sua construção (Atas do Concelho Municipal, 15/02/1923).

Mais uma proposta para o 13 de Maio, foi descoberta no Arquivo Público Estadual, datada de 1923, mas sem referência do autor. O desenho em planta baixa guardava características do estilo inglês que predominava em vários países europeus naquela época, e trazia evidências, pela aproximação da data e pela presença da Escola Normal inaugurada em 1920, de que poderia ter sido idealizado por um daqueles profissionais mencionados no Relatório do Prefeito Novaes Filho de 1944. O desenho mostra também, no lado direito, uma parte do jardim da histórica edificação da Faculdade de Direito que foi concluída em 1911 (Gomes, 1987, p. 187). Em estilo eclético este edifício concedeu um aspecto de monumentalidade ao ambiente do parque.

O projeto proposto sugeria uma concepção naturalista com grande riqueza de detalhes, assim como grande variedade de edificações e ambientes. Uma via interna contornava um pátio em forma octogonal, logo na entrada, que oferecia uma vista abrangente do parque e dos equipamentos. Partindo dessa via, passeios sinuosos contornados por vegetação, ligavam os edifícios existentes e propostos: a Escola Normal já existente, um cinema, um teatro, um teatro ao ar livre, e um restaurante, tendo, no centro, uma praça para concertos. A distribuição e a forma dos passeios expressavam a essência do barroco, através de curvas para proporcionar ambientes de mistério e fantasia. Os principais equipamentos eram a praça de esportes, quadras de tênis, pista de patins, dois relógios de sol e uma grande área para brincadeiras infantis.

Esse projeto não foi implementado por várias razões entre as quais a falta de recursos financeiros, a falta de integração entre o projeto e o planejamento da Cidade como um todo e a prioridade do planejamento que sempre se voltava para a viabilização dos problemas do sistema viário.

No início dos anos 30, o engenheiro Domingos Ferreira apresenta uma proposta reduzindo a área, e, finalmente, inicia a construção do parque (Relatório Novaes Filho, 1944, p. 27). A concepção paisagística proposta reunia idéias dos planos anteriores: o eixo central que mantinha a ligação aos jardins da Faculdade de Direito, e uma grande praça de esportes rodeada por palmeiras imperiais. Com uma área de 11,3 hectares, o projeto foi concebido dentro do propósito de enfatizar a beleza da paisagem tropical, incorporando espécies vegetais da floresta amazônica (Relatório Novaes Filho, 1944, p. 27). Até então pertencendo à Marinha, a propriedade do terreno foi transferida para o governo local para permitir a construção do parque o que também requereu a demolição de um antigo casario dentro da área do parque (Arquivos I, 1942, p. 259).

O Parque 13 de Maio foi oficialmente inaugurado em 30 de agosto de 1939 marcando a celebração do Terceiro Congresso Eucarístico Nacional. O evento levou o governo local a investir dinheiro e esforços na preparação da área que incluía um altar para as cerimônias religiosas. Nos discursos de inauguração, o Prefeito Novaes Filho e o engenheiro José Estelita, ressaltaram o argumento americano da busca de um meio ambiente saudável usado na criação do Central Park, e a função recreativa dos parques defendida pelos ingleses, demonstrando assim a necessidade de parques para a cidade do Recife, “uma cidade sem parques” segundo eles. Essa sequência de fatos passados relacionados ao 13 de Maio revelam as dificuldades para a criação de parques no Recife.

De acordo com alguns arquitetos entrevistados na pesquisa sobre os parques do Recife, o projeto paisagístico atual do parque pode ser classificado dentro de uma concepção renascentista, devido à simetria, estabelecida pelos dois eixos, e a presença de formas geométricas definindo pátios, canteiros e fontes, apesar da informalidade dos passeios e da vegetação distribuídos em todo o parque. O projeto do 13 de Maio elaborado em 1944, abrangia também o jardim da Faculdade de Direito. Nos anos 50, um quarto dessa área do parque foi designada para a construção da biblioteca pública e de quatro escolas reduzindo a área para 6,9 hectares.

Mantendo a tradição estabelecida com a sua criação, o parque continua tendo na sua programação dos domingos as celebrações religiosas, e, durante algum tempo foi palco de festas populares. Desde 1940 alguns equipamentos foram acrescentados, como por exemplo, o restaurante Torre de Londres, logo depois desativado face à alguns problemas no uso do parque. Além disso, na década de 60 surgiu a intenção em transformar o parque em área de estacionamento para solucionar problemas no tráfego de veículos, o que foi, de imediato, protestado pelos grupos sociais (Jornal do Commercio, 11/10/1992). Nessa década o edifício da Escola Normal tornou-se a Câmara dos Vereadores.

A partir de reformas realizadas em 1973 e 1976, foram construídos alguns equipamentos como escorrêgos em concreto concebidos pelo escultor Abelardo da Hora, e alguns monumentos e um mini zoológico inspirado no Parque de Nassau, foram instalados, com o intuito de melhorar o aspecto paisagístico aprimorando e atendendo às necessidades da função contemplativa a que se propunha.

O Parque 13 de Maio e a Faculdade de Direito incluindo os jardins do seu entorno, foram declarados sítios de preservação histórica pela legislação municipal em 1979. Nos anos 80 o parque foi cercado com grades de ferro

como medida de proteção devido a problemas de segurança e vandalismo. Além disso, a necessidade de atividades recreativas levou a construção de uma pista de “cooper” e de playgrounds. Essas modificações no 13 de Maio mostram como o projeto de um parque não é definitivo pois acompanha as reivindicações sociais a partir das necessidades expressas pelos usuários que influenciam as decisões dos planejadores e paisagistas.

3. O uso e os problemas do Parque 13 de Maio

A pesquisa realizada com os usuários do parque, através de questionários e entrevistas, confirmou a qualidade paisagística do 13 de Maio destacando-o dos outros parques da Cidade. Grupos de diferentes idades e classes sociais frequentam o 13 de Maio durante a semana, desde adultos e idosos pela manhã, até estudantes, mendigos e ambulantes. Pessoas em geral usam o parque como passagem para destinos diversos durante todo o dia. Aos domingos, é usado mais intensamente pelas crianças e jovens nos playgrounds e áreas de estar.

O principal problema apontado pelos usuários é a falta de segurança cujo principal motivo se devia ao comportamento anti-social de alguns indivíduos. Os sanitários e as esquinas foram os lugares mencionados onde eles se sentiam mais desprotegidos pela presença de assaltantes, mendigos e traficantes de droga. Também foram mencionados problemas de manutenção relacionados com o número insuficiente de funcionários, pouca participação dos usuários no gerenciamento e falhas no regulamento e sinalização, apesar do esforço desempenhado pelo supervisor na organização informal do parque. Pichação nas paredes e monumentos, torneiras quebradas, árvores com galhos quebrados, brinquedos danificados são alguns dos problemas identificados nesse parque. Nesse caso e em outros parques da Cidade, o entorno foi um dos fatores que contribuiu para agravar os problemas dos parques.

4. Conclusão

A cidade do Recife foi privilegiada não só pela construção do primeiro parque do Brasil, mas também por ter sido o cenário dos primeiros jardins públicos projetados por Burle Marx. Constatase, portanto, uma tradição na arte da paisagem que infelizmente não foi mantida.

Os projetos apresentados para o 13 de Maio demonstraram a existência de uma preocupação com a qualidade paisagística do espaço em si e do entorno, e que não permaneceu até hoje. A sucessão dos projetos foi levando à redução da área reservada para o parque e também à diminuição da importância que ele tinha como espaço público de qualidade ambiental no planejamento da Cidade. As necessidades sociais e os consequentes problemas provenientes do uso do parque pressionaram mudanças na sua função assim como adequação na concepção do projeto, guardando a predominância da função contemplativa, mas sem conservar devidamente os valores da paisagem. O 13 de Maio, mantém ainda hoje a sua tradição de embelezar e amenizar o centro da Cidade, mas em condições bastante precárias de uso, o que desarticula a relação projeto, função e uso.

Abstract: This paper deals with the historic process of the creation of 13 de Maio Park, the first urban park in Recife, emphasizing different approaches of park design including european influences in landscape design, and its economic, political and cultural consequences which affected the development of city planning and the establishment of public green open spaces in Recife. It also focuses park aesthetics composition taking into account the surroundings, park functions and uses, including park problems, in order to show how changes in park design keep relationship with the social needs of users over time.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ATAS DO CONCELHO MUNICIPAL de 15 de fevereiro de 1923 e de 15 de maio de 1921 ARQUIVOS I (1942). Revista da Prefeitura Municipal do Recife, Ano I, Número I, de março.
- GOMES, Geraldo et alli (1987). Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo, Editora

DIÁRIO DE PERNAMBUCO de 31 de maio de 1993 e de 07 de junho de 1993.

JORNAL DO COMMERCIO de 11 de outubro de 1992.

MESQUITA, Liana (1994). Programa de Recuperação Vegetal do Recife. Prefeitura da cidade do Recife/Secretaria de Planejamento.

PARAHYM, Orlando (1978). Traços do Recife: ontem e hoje. Recife. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura.

RELATÓRIO DO PREFEITO NOVAES FILHO (1944). Prefeitura Municipal do Recife. Arquivo Público Estadual.

✉ ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Enéas de Lucena, 129, Rosarinho,

Recife, 52041-090 PE

e-mail: ribeiro@npd.ufpe.br

* Arquiteta, professora de paisagismo da Universidade Federal de Pernambuco, Doutora pela Universidade de Oxford Bookers.